

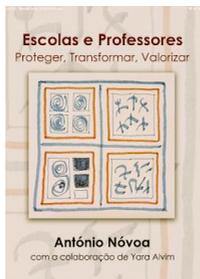
**ESCOLAS E PROFESSORES
PROTEGER, TRANSFORMAR, VALORIZAR**

Nilson Roberto de Novaes Alves (UESB)

nrdna@hotmail.com

Rosana Ferreira Alves (UESB)

alzana70@yahoo.com.br



NÓVOA, António. *Escolas e professores: proteger, transformar, valorizar*. Com a Colaboração de Yara Alvim. Salvador: SEC/IAT, 2022. 116p.

<https://www.amazon.com.br/Nascidos-era-digital-Entendendo-primeira/dp/853632483X>

RESUMO

Este trabalho resenha, de forma crítica, a obra de NÓVOA, António. *Escolas e Professores – Proteger, Transformar, Valorizar*. Com a colaboração de Yara Alvim. Publicada em 2022. Os autores desta publicação cederam, de forma gratuita ao Estado da Bahia, os direitos autorais da obra pelo prazo de um ano, a partir da data de 21 de janeiro de 2022. Impressa por Empresa Gráfica do Estado da Bahia – EGBA

Palavras-chave:

Educação. Aprendizagem. Formação de Professores.

ABSTRACT

This paper critically reviews the work of NÓVOA, António. *Escolas e Professores – Proteger, Transformar, Valorizar*. With the collaboration of Yara Alvim. Published in 2022. The authors of this publication have granted, free of charge, to the State of Bahia, the copyright of the work for a period of one year, starting on January 21, 2022. Printed by Empresa Gráfica do Estado da Bahia – EGBA

Keywords:

Education. Learning. Teacher Training.

Este trabalho resenha, de forma crítica, a obra a obra de “NÓVOA, António. *Escolas e Professores Proteger, Transformar, Valorizar*. Com a colaboração de Yara Alvim. Publicada em 2022. Os autores dessa

publicação cederam, de forma gratuita ao Estado da Bahia, os direitos autorais da obra pelo prazo de um ano, a partir da data de 21 de janeiro de 2022. Impressa por Empresa Gráfica do Estado da Bahia – EGBA. A obra resenhada organiza-se em seis capítulos.

A obra *Escolas e Professores Proteger, Transformar, Valorizar*, escrita por António Sampaio da Nóvoa, doutor em Ciências da Educação pela Universidade de Genève, Suíça (1986) e doutor em História Moderna e Contemporânea pela Universidade de Paris IV-Sorbonne (2006). Docente universitário. É professor convidado de várias universidades internacionais, nomeadamente Wisconsin (1993/1994), Paris V (1995), Oxford (2001), Columbia – New York (2002), Brasília (2014) e Federal do Rio de Janeiro (2017). É consultor para os assuntos da educação da Casa Civil do Presidente da República Jorge Sampaio. É Doutor Honoris Causa pela Universidade do Algarve (2015), Universidade de Brasília (2015), Universidade Lusófona (2016), Universidade Federal do Rio de Janeiro (2017) e Universidade Federal de Santa Maria (2019). (DIPLOMÁTICO, 2024); com a colaboração de Yara Cristina Alvim, Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora (MG), com atuação nos cursos de Licenciatura em História e em Pedagogia, Pós-Doutora em Educação pela Universidade de Lisboa, Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (2017), Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora (2010), Bacharel e Licenciada em História pela mesma instituição (2006) (LATTES, 2024).

A obra em análise está estruturada da seguinte maneira: Apresentação; Capítulo 1 – A Metamorfose da Escola; Capítulo 2 – Nada é novo, mas tudo mudou: Pensar a escola futura; Capítulo 3 – Os professores depois da pandemia; Capítulo 4 – Os professores e a sua formação num tempo de metamorfose da escola; Capítulo 5 – Três teses sobre o terceiro: Para repensar a formação de professores; Capítulo 6 – Entre a formação e a profissão: Ensaio sobre o modo como nos tornamos professores.

A intenção dessa resenha crítica foi fazer a leitura, a extração das ideias principais acerca de cada capítulo, assim como retirar citações relevantes e, por fim, ir comentando de forma crítica a referida obra, posicionando-se a respeito dela, e até mesmo, relacionando-a a autores e abordagens afins.

Assim, infere-se, após leitura inicial, que a obra está relacionada à escola enquanto instituição e organização responsável pela apropriação e

‘distribuição’ de conteúdos construídos e acumulados pela humanidade de forma sistemática, histórica e social. Da mesma forma, refere-se ao professor enquanto agente responsável por se apropriar de tais conhecimentos e auxiliar aprendizes e à sociedade a adquiri-los para que possam usufruir de seus benefícios. A obra aborda os processos educacionais na perspectiva da escola enquanto instituição que possui determinadas estruturas físicas e abstratas que passam por uma mudança em diversos aspectos, denominada metamorfose. O livro aborda a escola enquanto organismo vivo em constante mudança. Podemos afirmar que ele se encontra numa perspectiva pós-estruturalista (Cf. PETERS, 2000), ou seja, numa perspectiva que compreende o ser humano em sua integralidade, assim como também, o ser enquanto único em particularidades e individualidades.

Ainda, seus autores iniciam o livro justificando porque proteger, transformar e valorizar as escolas e os professores. Assim, *Proteger*, porque as escolas são lugares únicos de aprendizagem e de socialização. *Transformar*, porque as escolas precisam de mudanças profundas e *Valorizar*, porque as escolas são espaços imprescindíveis para a formação das novas gerações, apontando que nada pode substituir o trabalho de um bom professor.

Dessa maneira, trilhamos por cada um de seus capítulos, analisando-os e destacando suas ideias principais, a nosso ver, tecendo breves considerações a respeito deles e delas. Ainda, informamos que os pontos desta resenha em *italico* são destaques ou contribuições diretas nossas. Assim, o *Capítulo 1* trata da *metamorfose da Escola*. Nele os autores falam do surgimento da escola e, mais especificamente, que, a partir do século XVI, ela passa a ser obrigatória, consolidando-se os grandes sistemas de ensino em três ciclos principais: o primário, o secundário e o terciário (superior). Fala do modelo escolar: edifícios construídos especificamente para serem escolas. Estes edifícios têm diferentes arquiteturas, mas, no essencial, são concebidos em torno de salas de aula. Os alunos estão agrupados em turmas; o currículo está organizado por disciplinas. Os autores afirmam, ainda, que este é o panorama educacional em todo o mundo nos últimos 150 anos, sendo este o modelo que, hoje, dá sinais de crise e de inadequação.

Os autores questionam como será o futuro da escola. Em outras palavras: como será o futuro da educação, ressaltando que em tal futuro não é possível ignorar o impacto do digital nela e em seus processos de transformação profunda. *Apontam três grupos ou tendências que, de forma mais intensa, têm questionado o modelo escolar atual, a saber:*

1 – *Neurocientistas*: apontam sobre os avanços extraordinários nos estudos sobre o funcionamento do cérebro, especialmente do ponto de vista das aprendizagens, que têm tido consequências significativas. Em particular, eles confirmam que é possível estabelecer bases científicas sólidas que podem ser aplicadas à educação, afirmando que “a partir de 2035, a educação tornar-se-á um ‘ramo da medicina’, utilizando os recursos imensos das neurociências.

2 – *Os especialistas do digital*: falam da importância da revolução digital ou da conectividade para o futuro da educação, destacando que: “Invariavelmente, todos assinalam que as crianças têm acesso, hoje, a todo o tipo de informações e de dados, e que o trabalho essencial é a compreensão, a interligação dos conhecimentos e o seu sentido.”

3 – *E os defensores da inteligência artificial*: Nos últimos anos, os debates têm se concentrado nas potencialidades da inteligência artificial, com inúmeros autores e organismos internacionais propondo teorias que, no mínimo, podem ser consideradas excessivas. Um exemplo é Laurent Alexandre, que destaca a urgência de reinventar o sistema educacional para enfrentar o “desafio imenso da nossa utilidade num mundo em breve saturado pela inteligência artificial”. Segundo Alexandre, é imperativo que a escola evolua para preparar indivíduos capazes de coexistir e colaborar eficazmente com tecnologias avançadas, garantindo, assim, sua relevância e produtividade em um futuro dominado pela IA.

Com base no exposto, ficamos com o questionamento: seria esse momento do digital, para a Educação, no mundo e no Brasil, já uma tendência pedagógica como na concepção, visão, estruturação e intencionalidades como nos moldes em que Saviani (1983) organiza e trata as Tendências Pedagógicas? Se sim ou se não, cabe a nós nos debruçar sobre tal questão, pois compreendemos que ela se apresenta como ponto fulcral para o melhor entendimento e compreensão sobre as novas competências e habilidades necessárias e exigidas pelo momento atual.

Dessa forma, findando o referido capítulo, os autores abordam a questão da *metamorfose da escola*, ou seja, demonstram que “A educação já não cabe no formato escolar do final do século XIX”, apontando que mesmo sendo importante nos moldes atuais, a escola precisa e deve passar pelo processo de transformação com coragem, buscando promover “a autonomia dos educandos, nomeadamente na sua relação com o estudo e as aprendizagens; a valorização da comunicação, do diálogo e da cooperação entre os alunos; uma escola activa”.

Ainda sobre isso, os autores falam sobre a urgência de se mudar o modelo escolar como é tido, concebido e organizado. E que é por meio da capilaridade educativa que será possível avançar com relação a novas formas de materializar uma escola que seja capaz de auxiliar na construção entre novas e diferentes formas de interligar a família, o trabalho e a sociedade de modo profícuo com relação as mais diferentes aprendizagens e convívios sociais estáveis.

O Capítulo 2 trata sobre a temática: “Nada é novo, mas tudo mudou: Pensar a escola futura.”. Ainda falando sobre o modelo escolar, aponta que “o nosso ponto de vista é a necessidade, há muito sentida, de transformar um modelo escolar que, edificado no século XIX, atravessou o século XX e chegou, com sinais de fragilidade, ao século XXI”. Sobre isso, aponta-se a pandemia como principal acontecimento para tal evidência. Assim, os autores revelam três dimensões de tal modelo escolar que precisam ser repensadas, a saber: 1 – um contrato social sobre a aprendizagem dos estudantes; 2 – o espaço escolar que tem como referência principal a sala de aula e de um tempo horário regular, organizado de hora em hora e 3 – a pedagogia resumida em um “quadro negro” e um professor que dá aulas. Afirmam que falar sobre estas três dimensões são importantes para se buscar a metamorfose da escola.

E, de repente, a pandemia...

Com o advento da pandemia da Covid-19, de repente, o que antes parecia impossível se concretizou em questão de dias: os espaços de aprendizagem se diversificaram, com muitos ocorrendo em casa; os horários de estudo e trabalho se tornaram mais flexíveis; os métodos pedagógicos adotaram principalmente o ensino remoto; e os procedimentos de avaliação se adaptaram. A necessidade forçou a superação da inércia, embora muitas vezes com soluções frágeis e precárias.

Dessa forma, a tendência existente na atualidade foi capaz de responder à situação de emergência imposta pela pandemia, por meio da mobilização de plataformas e de materiais de ensino disponíveis *online*. Assim, tal situação mostrou que é possível encontrar a resposta personalizada para cada aprendiz e que esta resposta pode ser dada num espaço doméstico ou familiar por uma questão de necessidade de isolamento social, sem deixar de percebermos a importância da interação social em contextos de normalidade.

Os autores também ressaltam a importância do digital e das ciências da aprendizagem (*learning sciences*) na educação contemporânea,

reconhecendo que são ferramentas essenciais para repensar a forma como ensinamos e aprendemos. No entanto, eles ressaltam que essas abordagens devem ser utilizadas para impulsionar transformações no modelo educacional atual, uma transformação que não deve diminuir, mas sim fortalecer, a educação como um bem público, acessível a todos, e como um bem comum, algo que beneficia a sociedade como um todo.

Lições aprendidas nas respostas à pandemia:

1 – A resposta ao nível dos sistemas educativos foi frágil e inconsistente;

2 – A resposta ao nível das escolas foi, em muitos casos, significativamente melhor. Através das suas direções avançaram soluções, ressaltando a importância das famílias e os laços de confiança entre as escolas, as famílias e os alunos;

3 – A importância dos professores e o seu papel fundamental à Educação e de como eles são essenciais ao presente e ao futuro da educação.

Sobre essas três Lições aprendidas nas respostas à pandemia, comenta-se a respeito delas no sentido de complementação e análise. Assim, elas são muito bem colocadas e explanadas pelos autores, pois revelam que sistemas de ensino não deram o suporte necessário a escolas, a professores e a alunos como, por exemplo, não forneceram suporte técnico-financeiro para promoção de aulas. Ainda assim, escolas, mesmo com pouco ou sem nenhum recurso, souberam cumprir o seu papel, mais que isso, professores mostraram a sua importância em meio à pandemia, promovendo práticas de ensino e de aprendizagem, evidenciando que nenhuma tecnologia é ou será capaz de substituir o humano.

A escola pós-pandémica, depois do modelo escolar – palavras dos autores:

1 – O novo contrato social tem de reconhecer a importância da capilaridade educativa, isto é, de processos educativos que existem em muitos lugares da sociedade, e não apenas na escola.

2 – É preciso transformar a estrutura organizacional da escola. O fundamental é a criação de novos ambientes de aprendizagem, que permitam o estudo individual e o trabalho de grupo, o acompanhamento pelos professores e projetos de investigação, trabalho presencial e através do digital.

3 – É preciso construir pedagogias que valorizem uma diversidade de métodos e de modalidades de estudo e de trabalho.

Assim, analisando retroativamente do item 3 ao item 1, verificamos que o processo de transformação da escola perpassa pedagogias que valorizem a diversidade de métodos, ou seja, nem o tradicional nem o mais interacionista, mas o aproveitamento do que cada um tem de melhor. Da mesma forma, a escola precisa mudar a sua estrutura, viabilizando novos espaços de aprendizagens colaborativa e novos ecossistemas de aprendizagem (Cf. TRINDADE, 2014), também perpassando as tecnologias digitais e a *Internet*, buscando auxiliar no desenvolvimento de um novo contrato social, que garanta as mais diferentes e múltiplas aprendizagens a seus atores e autores.

O Capítulo 3 trata sobre a temática: “Os professores depois da pandemia”. Ele inicia-se, apontando que a era digital se estabeleceu tanto em nossas vidas, como na economia, na cultura e, também na sociedade, incluindo também a educação. Não houve planejamento. Tudo aconteceu de repente, surgindo abruptamente. Os autores afirmam, em trabalho de 2021, que:

Nada foi programado, mas tudo estava pronto. Há acontecimentos, alguns até de grande importância, com pouco impacto no futuro. Há outros que, num instante, tudo mudam. São “acontecimentos” que ocorrem em sociedades que já reconhecem a necessidade de transições e dispõem dos “instrumentos” para as concretizar. (NÓVOA; ALVIM, 2021)

Tal citação revela que a humanidade não está absolutamente segura sobre tudo e que possui pouco ou nenhum controle sobre fenômenos naturais ou modificados.

Ainda, o presente capítulo fala sobre o risco do apagamento da escola no pós-COVID-19 e sobre tendências que procuram fomentar uma educação esvaziada das dimensões públicas e comuns, pautada pelo ritmo do “consumismo pedagógico” e do “solucionismo tecnológico” (NÓVOA, 2022), revelando que é necessário compreender o “presente e agir pela construção de uma outra escola, não pelo seu desaparecimento”.

Da mesma forma, os autores ainda enfatizam o fato de que já não é mais possível imaginar a educação e os professores em uma relação sem as tecnologias digitais, sem a virtualidade e sem as infinitas conexões.

Paulo Freire refere-se à necessidade de denunciar e de anunciar. Denunciar sem anunciar é renunciar. Anunciar sem denunciar é iludir. Na tensão freiriana, queremos introduzir um terceiro termo: enunciar. É esta a razão do nosso texto. Pensar sem ceder ao imediatismo. Só conseguiremos enunciar

outras possibilidades se nos libertarmos da tirania do presente. Então, poderemos cumprir a nossa responsabilidade perante a humanidade futura. (NÓVOA; ALVIM, 2021 p. 36)

Assim, percebe-se nas palavras dos autores a importância não apenas de pesquisar, mas também de divulgar resultados para conhecimento de todos, do além muro de fronteiras científicas, ou seja, partir rumo ao futuro, construindo bases sólidas no presente.

Os autores apontam crítica a três ilusões perigosas:

1 – A ilusão de que a educação está em todos os lugares e em todos os tempos e acontece, “naturalmente”, em um conjunto de ambientes, sobretudo, familiares e virtuais;

2 – A ilusão de que a escola enquanto ambiente físico acabou e, a partir de agora, a educação terá lugar sobretudo “à distância”;

3 – A ilusão de que a pedagogia, enquanto conhecimento especializado dos professores, será substituída pelas tecnologias, “dopadas pela inteligência artificial”.

A pandemia de Covid-19 exerceu impacto profundo, não só interrompendo a rotina global, mas também desafiando estruturas educacionais estabelecidas. O fechamento de escolas não apenas revelou a vulnerabilidade do sistema educacional global, porém igualmente provocou reflexões sobre o consumismo pedagógico, a privatização da educação e a necessidade urgente de reformular o sistema educacional. Historicamente, desde o final do século XIX, as escolas desempenharam um papel central na educação de novas gerações, muitas vezes isolando-se da sociedade enquanto transmitiam cultura e conhecimento. No entanto, a pandemia expôs a fragilidade desse modelo, incentivando um debate sobre a integração mais profunda de escolas com famílias e comunidades.

Além disso, o avanço de tecnologias no século XXI não só expandiu oportunidades educacionais, mas também trouxe novos desafios. Marshall McLuhan previu essa transformação de ritmos e padrões na vida humana com sua famosa frase “o meio é a mensagem”, especialmente com o impacto de tecnologias de comunicação. Hoje, essa ideia aplica-se a tecnologias digitais, que são essenciais, mas não podem substituir completamente a interação humana na educação. As questões tecnológicas agora estão intrinsicamente ligadas a questões pedagógicas e políticas, destacando a importância de um equilíbrio delicado entre inovação tecnológica e valores educacionais tradicionais na era pós-pandemia.

Dessa forma, destaca-se o seguinte trecho da obra resenhada em questão:

Segundo, é preciso dizer que as tecnologias, por si só, não educam ninguém. É difícil evitar uma das frases mais famosas do século XX – “o meio é a mensagem”. Na época, a referência dirigia-se aos “meios de comunicação” e Marshall McLuhan acertava no alvo: “A mensagem de qualquer meio ou tecnologia é a mudança de escala, ritmo ou padrão que introduz na vida humana” (1969, p. 21). Hoje, a frase ganha uma outra dimensão, face às possibilidades infinitas do digital. Ninguém, no seu perfeito juízo, poderá negar a sua importância. Mas as questões tecnológicas não são apenas tecnológicas, são pedagógicas, e políticas. (NÓVOA; ALVIM, 2021 p. 41)

Dessa forma, fica claro nas palavras dos autores que não basta apenas “tecnologizar” ou instrumentalizar pessoas e processos, entretanto pode ser necessário alfabetizar e letrá-las, ou seja, é preciso que novas pedagogias e andragogias sejam criadas levando em consideração aprendizagens para futuras gerações. Assim, é pouco provável se alcançar novos resultados utilizando “velhos” métodos. Eis aí um desafio para a área de Educação como um todo.

O papel dos professores na criação de novos ambientes escolares

Desse modo, os autores, em um primeiro movimento, apresentaram uma forma de contrato “estabelecido” entre a escola e a sociedade desde o final do século XIX. Esse fato resultou também em uma forma ou modelo escolar que se mantém ou se mantinha até à deflagração da pandemia do COVID-19. Embora existam tendências que pensem na possibilidade de desintegração da escola, os autores consideram que dinâmicas de “desescolarização”, em suas diversas e distintas modalidades, são sedutoras, mas, se fossem concretizadas, traduzir-se-iam em maiores desigualdades e injustiças sociais. Porém, afirmam que “A escola, com todos os seus defeitos e limites, é ainda uma das poucas instituições que pode proteger os mais pobres e vulneráveis” (NÓVOA; ALVIM, 2021 p. 44). Ainda, os autores consideram que, certamente, é necessário desenhar ou remodelar os edifícios escolares com a mesma ousadia e criatividade com que foram pensados no século XIX (Cf. NÓVOA; ALVIM, 2021 p. 44).

Os pesquisadores questionam com relação a mudanças na escola e apontam: “Estamos a falar de currículo? Estamos a falar de pedagogia? Certamente”. Assim, fica claro na referida obra que novos ambientes escolares não surgirão por si próprios. Eles dependem de ações humanas e intencionais e os educadores desempenham um papel fundamental na sua

formação. Devido ao seu conhecimento especializado e a sua experiência no campo, têm uma responsabilidade significativa na transformação da escola como a conhecemos hoje, como eles evidenciam no fragmento abaixo:

Os novos ambientes escolares têm de permitir às crianças e aos jovens experiências que, de outro modo, nunca teriam tido. Por exemplo, o silêncio e a escuta, num tempo em que só ouvimos o som das nossas palavras. Por exemplo, a compreensão do outro, num tempo de tantas “proclamações identitaristas”. Por exemplo, a capacidade de nos “desconectarmos” para, assim, descobriremos que o digital não esgota toda a existência humana. Ainda vamos a tempo? (NÓVOA; ALVIM, 2021 p. 47)

Com base em suas palavras acima, inferimos que a importância do outro no processo de construção de uma nova escola perpassa a coletividade, a escuta e envolvimento de todos.

Partindo da ideia da necessidade de um novo contrato entre a escola e a sociedade, perpassando a criação de novos ambientes escolares, os autores também buscam explicar o sentido de uma pedagogia do encontro. Apontam que a educação tem por base dois gestos: *adquirir uma herança e projetar um futuro*. Falam da conclusão do livro mais recente, *Éducation ou barbarie*, Bernard Charlot afirma que: “a educação é humanização, o que significa “socialização e entrada numa cultura” e “singularização e subjetivação”: “Pelo simples facto de nascer na espécie humana, todo o ser humano tem direito à humanização, portanto à entrada num grupo social e numa cultura e a tornar-se um sujeito singular” (2020, p. 319). O erro de muitas correntes pedagógicas é desvalorizar um destes gestos (Cf. NÓVOA; ALVIM, 2021 p. 47-8).

Assim, os autores explicam que a crise mundial desencadeada pela Covid-19 nos forçou a agir de forma rápida e urgente, sem o devido planejamento e ponderação. A dependência excessiva dos recursos digitais emergiu como a única alternativa viável para garantir uma mínima continuidade educacional, preservar o contato com os alunos e zelar pela saúde pública. No entanto, isso não deve ser visto como o modelo ideal para o futuro.

O Capítulo 4 trata da temática “Os professores e a sua formação num tempo de metamorfose da escola”, ao mesmo tempo que retomam a ideia do período do atual modelo escolar, apontando a durabilidade de tal desenho educacional global que se consolidou há cerca de 150 anos, apesar de críticas recebidas ao longo do tempo. Essa observação sugere tanto a resiliência do modelo em se adaptar e manter sua relevância, quanto a

persistência de críticas que indicam suas potenciais limitações. A menção ao período histórico evoca uma reflexão sobre a necessidade de revisão e adaptação contínua de práticas educacionais para melhor atender às necessidades contemporâneas e futuras dos estudantes e da sociedade em geral.

Politicamente, os Estados assumem a responsabilidade pela educação e impõem uma escolaridade obrigatória, com o objetivo de fabricarem uma identidade cívica e nacional. A escola pública, laica, gratuita, obrigatória e única é um elemento central no processo de construção dos Estados-nação (BOURDIEU, 1993)

Portanto, os autores destacam a importância estratégica da educação pública e obrigatória na formação dos Estados-nação. Assim, por meio do processo de escolarização obrigatória, os Estados não apenas garantem o desenvolvimento educacional de seus cidadãos, mas também buscam criar identidade comum a seu povo.

A escola pública, laica, gratuita, obrigatória e única emerge como um pilar central nesse processo, proporcionando igualdade de acesso ao conhecimento e promovendo a coesão social ao transmitir valores, história e cultura comuns. Assim, a educação não é apenas um meio de instrução, mas uma possibilidade fundamental para auxiliar na formação da identidade e do sentido de pertencimento dos indivíduos à sua nação. Ainda, nessa mesma esteira de discussão, os autores falam sobre *os professores e a sua formação*, e como alguns pensadores do século XX defenderam que as universidades deviam ser divididas. Assim, lemos:

Vários pensadores do século XX defenderam que as universidades deviam ser divididas em dois grandes tipos. Por um lado, as universidades da “liberal education”, conceito intraduzível para a língua portuguesa, que significa uma educação de base generalista, humanista e científica, de cultivo do *otium* (ócio no seu sentido filosófico). Por outro lado, as universidades das profissões, certamente tão importantes como as primeiras, mas vocacionadas para a formação de profissionais (medicina, engenharia, advocacia, ensino, etc.), destinadas a preparar para o *negotium* (o não ócio) (NÓVOA; ALVIM, 2021 p. 61)

Dessa forma, em outras palavras, concluímos que as universidades da *liberal education* oferecem uma educação ampla e humanista, focada em desenvolvimento geral e científico, e as universidades das profissões se especializam na formação de profissionais como médicos, engenheiros, advogados e professores. Enquanto as primeiras promovem um entendimento holístico e crítico, as segundas preparam especificamente para carreiras técnicas e práticas. Assim, percebemos que “do mesmo modo que a metamorfose da escola implica a criação de um novo ambiente educativo; também a mudança na formação de professores implica a criação de um

novo ambiente para a formação profissional docente” (NÓVOA; ALVIM, 2021 p. 62). Então, sobre essa questão, como se daria tal metamorfose no Brasil? Os autores apontam que, nesse caso, os problemas são maiores, pois implica pensar sobre a situação da escola pública e condições de trabalho. Seria necessário repensar as políticas públicas e que a sociedade deve se mobilizar para isso, pois a escola pública possui sua importância e força para tal, ou seja, democratizar as mais diversas formas de aprendizagens.

Dessa forma, os autores apresentam um dos pensamentos de (JANKÉLÉVITCH, 1960), afirmando que: A transformação pode começar de muitas maneiras, mas talvez as universidades sejam um bom lugar para manifestarmos a “coragem dos começos” (Jankélévitch, 1960). Assumir riscos? Claro, mas de que valeria um pensamento inofensivo, vazio, sem os riscos da ação, sem a virtude do compromisso. A coragem é o contrário do medo, é mesmo o seu antídoto. Em vez de dedicarmos o nosso tempo a elaborar justificações para a inércia, concentremo-nos na injustificabilidade de certas situações. Não há coragem sem ação. (NÓVOA; ALVIM, 2021 p. 70)

Nessa perspectiva, os autores destacam a continuidade e evolução de iniciativas com relação à formação docente como o Programa Formação de Professores da Educação Básica (PIBID), observando que o processo de transformação na formação de professores não ocorre de uma hora para outra, mas sim por meio de uma base sólida e de ideias semelhantes que se manifestam ao longo do tempo. Portanto, eles sugerem uma conexão entre o que foi proposto anteriormente e o que está sendo discutido, sublinhando a importância da decisão estratégica tomada em 2007, que teve um impacto significativo no desenvolvimento dessas iniciativas.

[...] à CAPES a missão de induzir e fomentar a formação inicial e continuada de profissionais da educação básica. A atribuição de tarefas na área da formação de professores a uma entidade da pós-graduação e pesquisa é um caso único no mundo, pois assenta na compreensão lúcida de que sem um investimento na qualidade da educação básica é impossível um país desenvolver-se do ponto de vista científico e tecnológico.

O Capítulo 5 aborda três teses sobre o terceiro: *Para repensar a formação de professores*. Os autores apontam que focar na relação *formação e profissão* é ponto crucial para a presente temática e discussão. Evidenciam que “O mundo universitário transformou-se num mundo sem sentido, vergado às exigências dos rankings, das classificações, das indexações, dos fatores de impacto. O que conta são os artigos medidos por empresas privadas (*Scopus, Google scholar, Scimago...*)”, afirmando que as universidades acabam por se tornar um mundo diferente daquele ao qual

se propõe, ou seja, distante de seus propósitos de produção de conhecimento e transformação da humanidade.

Seguindo essa linha de percepção de formação de professores, os autores apontam que nos últimos tempos “nasceu um novo tipo de universitário, o empreendedor e produtivo: o escritor de artigos científicos, aquele que domina todas as técnicas exigidas pelas “revistas de topo”, que sabe como passar na “revisão pelos pares”, que aprendeu o milagre da multiplicação dos artigos”.

Assim, os autores destacam que esta transformação do universitário contemporâneo em um “empreendedor”, focado na “produção acadêmica”, enfatizando a importância da publicação em revistas de alto impacto e a adaptação às exigências da revisão por pares. Dessa forma, verifica-se que tal realidade pode levar à pressão por quantidade em detrimento da qualidade, questionando a integridade acadêmica e a verdadeira natureza da realização de pesquisas, enquanto os universitários se tornam especialistas em técnicas de publicação em vez de se aprofundarem genuinamente nas questões científicas.

Em resumo, os autores focam na formação de professores, chamando a atenção na obra para como ela está e o que pode ser feito, para que seus efeitos sejam percebidos e sentidos como melhorias na aprendizagem dos estudantes. Assim, questionam o papel das instituições formadoras de professores e o seu distanciamento com a realidade das escolas públicas, em que a educação acontece na prática. Valorizar o conhecimento dos professores como aporte para a formação dos novos professores, ou seja, pensar na perspectiva da experiência dos pares colaborar para formar professor.

Nessa mesma esteira de análise da obra em questão, o Capítulo 6 traz a temática: *Entre a formação e a profissão: Ensaio sobre o modo como nos tornamos professores*. Na oportunidade, Nóvoa revela que estuda a profissão docente desde a década de 80 numa perspectiva histórica ou comparada, política ou pedagógica ou como o reforço da profissionalidade docente tem sido a sua preocupação como estudioso do tema.

Ao trazermos o título desta obra *Escolas e Professores Proteger, Transformar, Valorizar*, percebemos, com clareza, que o referido autor, após todos os destaques que fizemos até então, aponta três tipos de silêncios que precisam ser superados no processo de formação e valorização da profissão. A saber:

- 1 – o silêncio das instituições universitárias;
- 2 – o silêncio das políticas educativas;
- 3 – o silêncio da própria profissão docente.

Com relação ao silêncio das instituições universitárias, os autores criticam a falta de atenção das instituições universitárias voltadas para a formação de professores em relação ao desenvolvimento profissional contínuo após a graduação, pois as universidades não devem se limitar apenas à entrega de diplomas.

Apontam também para uma visão restrita do papel dessas instituições, que deveriam trazer para si a formação contínua e a preparação dos educadores para os desafios da prática docente mais próximas de suas realidades.

A falta de atenção a esse aspecto pode levar a professores despreparados para enfrentar os desafios atuais da educação, enfatizando a urgência de um engajamento mais sólido das universidades na formação abrangente e na valorização contínua do processo educacional, em vez de encará-lo como algo estático.

Já com relação ao silêncio das políticas educativas, eles apontam que elas não têm conseguido definir os necessários processos de escolha dos candidatos ao magistério, de acesso à profissão e de acompanhamento dos jovens professores nas escolas.

Assim, ao abordar o silêncio da própria profissão docente, isto é, dos professores em exercício, mais experientes, e que deveriam assumir um maior compromisso com a formação dos seus jovens colegas, eles mantem a reflexão, buscando questionar como cada pessoa se torna professor e o papel fundamental que pode ser dado a cada um nestes processos. O que podemos inferir é que não se trata da omissão de tais professores, mas a falta de políticas que os coloquem mais em evidência.

Dessa forma, fica claro que o ponto central para Nóvoa é a necessidade de construção de ambientes que realmente favoreçam o pleno desenvolvimento das habilidades necessárias para se formar professores. Assim, ele aponta que:

Um pássaro não voa dentro de água. Um peixe não nada em terra. Um professor não se forma nos atuais ambientes universitários, nem em ambientes escolares medíocres e desinteressantes. Para que o período entre dois ganhe densidade formativa, e profissional, é necessário repensar os ambientes de formação e de trabalho: em primeiro lugar, o ambiente universitário da

formação inicial, construindo um terceiro lugar institucional; depois, o ambiente da pesquisa, de forma a valorizar um terceiro gênero de conhecimento; finalmente, o ambiente de trabalho nas escolas, reforçando uma terceira presença dos professores enquanto coletivo.

Assim, fica claro o destaque e ênfase à inadequação dos ambientes atuais de formação para professores, comparando-os à incompatibilidade de um pássaro voando na água ou um peixe nadando em terra. O autor argumenta que tanto os ambientes universitários quanto as escolas precisam ser repensados para oferecer uma formação mais densa e profissional aos educadores. Propõe a criação de um novo ambiente institucional universitário que promova a formação inicial, um ambiente de pesquisa que valorize novos tipos de conhecimento e um ambiente escolar que fortaleça a presença coletiva dos professores.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS

NÓVOA, António. *Escolas e professores: proteger, transformar, valorizar*. Salvador: SEC/IAT, 2022. 116p. (Colaboração de Yara Alvim)

Nóvoa, António & Alvim, Yara (2021). Covid-19 e o fim da educação: 1870 - 1920 - 1970 – 2020. *Revista História da Educação*, vol. 25, p. 1-19.

PETERS, M. *Pós-estruturalismo e filosofia da diferença*. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SAVIANI, Dermeval. *Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre a educação política*. São Paulo: Cortez, 1983. (Polêmicas do nosso tempo)

Outras fontes:

DIPLOMÁTICO, Portal. António Nóvoa. Disponível em: <https://unesco.missaoportugal.mne.gov.pt/pt/historia/embaixadores/ant%C3%B3nio-n%C3%B3voa>. Acesso em 23/05/24.

LATTES. Yara Cristina Alvim. Disponível em: <https://encr.pw/ARJqV>. Acesso em 23/05/24.